

Qotd, por @umairh: a inteligência coletiva no Twitter

Renata Lemos

Resumo: Este artigo analisa o uso inovador do site de microblogging Twitter, como um espaço de dinâmicas sociais de inteligência coletiva e de articulação de design colaborativo internacional de ideias em tempo real. Tendo a etnografia digital como base metodológica, foi efetuada a observação do processo de evolução de comunidades internacionais móveis a partir do entrelaçamento social e midiático permitido pelas funcionalidades e aplicativos do Twitter. A dinâmica *qotd* de inteligência coletiva, elaborada por Umair Haque, serve de referência principal ao relato etnográfico das implicações práticas e teóricas das redes de interação multimodal dentro do Twitter, apontando para as mutações contemporâneas das estratégias de sociabilidade.

Palavras-chave: inteligência coletiva; twitter; redes sociais; mídias móveis; microblogging.

Abstract: Qotd by @umairh: collective intelligence on Twitter: This article analyzes the innovative use of microblogging site Twitter as a space of social dynamics of collective intelligence and collaborative idea design. Using digital ethnography as methodology, the processes of evolution of a mobile and international community evolution are observed from the point of view of social and media intertwining allowed by functionality and applications of Twitter. Qotd dynamics of collective intelligence, designed by Umair Haque, is our case of study and provides a rich example of theoretical and practical implications of multimodal networks within Twitter, highlighting contemporary mutations of media strategies of sociability

Keywords: collective intelligence; twitter; social nets; mobile media; microblogging.

"It's about knowing how and knowing who and knowing who knows who knows what" - Howard Rheingold

Introdução

As mudanças trazidas pelas redes sociais móveis estão começando a alterar as dinâmicas comunicacionais globais. A recente e meteórica história do Twitter e sua descrição operacional como plataforma global de interação social em rede já foram abordadas extensivamente por outros autores (BOYD et al., 2009; HUBERMAN et al., 2009; MIE-MIS, 2009; RHEINGOLD, 2009). Este artigo traz outro tipo de contribuição: um relato etnográfico de uma faceta ainda inexplorada desta plataforma e de sua potencialidade como nicho de debates intelectuais globais, em tempo real, e no design colaborativo de produções intelectuais sobre tópicos de interesse mundial.

A etnografia digital tem sido usada como um método pertinente ao estudo de redes sociais no ciberespaço, sendo a ciberantropologia uma disciplina emergente que cada vez mais tem se consolidado como um espaço privilegiado para o estudo da sociabilidade em rede (GUIMARÃES, 1997; McCLEARY, 1996; RIFIOTIS, 2002). A observação direta e participativa dentro da comunidade permite ao etnógrafo desenvolver uma percepção acurada e extremamente sensível às variações comportamentais nas relações entre os membros de comunidades digitais. Este artigo é o resultado de um mergulho etnográfico dentro da plataforma de microblogging Twitter, trazendo o relato de uma experiência específica de interações diretas dentro desta rede, as quais compõem os subsídios principais à análise do caso *qotd*¹ e também de seu contexto digital.

A riqueza etnográfica desta experiência com o Twitter certamente ultrapassa os limites deste artigo, que aborda apenas um aspecto das múltiplas dimensões antropológicas desta micromídia: a inteligência coletiva. A inteligência coletiva pode ser compreendida a partir das mais diversas abordagens teóricas. Hofstadter (1979) e Bloom (2004), por exemplo, fazem paralelos entre os sistemas de inteligência coletiva humana e as dinâmicas inteligentes que podem ser encontradas na natureza. Aqui, a metáfora principal usada como ilustração da inteligência coletiva humana é a colméia: um sistema complexo natural de auto-organização.

Engelbart (2008) é outro autor importante no campo da inteligência coletiva, dando ênfase ao estudo das tecnologias da informação como catalisadoras de processos de inteligência coletiva. Muito embora exista um vasto manancial epistemológico à nossa disposição nesta área, nenhuma destas abordagens teóricas integra tão bem os elementos sociais, antropológicos e relacionais às possibilidades tecnológicas das redes sociais digitais, quanto as de Lévy (2000) e Rheingold (2002; 2009a; 2009b; 2010).

A partir do viés conceitual usado por Lévy (2000), segundo o qual toda inteligência coletiva tem uma base social - "pensamos ... com ideias, línguas, tecnologias cognitivas recebidas de uma comunidade" (LÉVY, 2000, p. 29) - é que articulamos neste artigo nossa resposta à pergunta "O que é o *Twitter*?". Nossa definição irá descrever o *Twitter* como

¹ *qotd*: sigla que tem diversos significados, mas que neste artigo será usada em caixa baixa, para designar o experimento de inteligência coletiva desenvolvido pelo economista Umair Haque no Twitter.

sendo uma mídia social que, unindo a mobilidade do acesso à temporalidade *always on* (PELLANDA, 2007), possibilita o entrelaçamento de fluxos informacionais e o design colaborativo de ideias em tempo real, modificando e acelerando os processos globais de inteligência coletiva. Retomando a questão “O que é o *Twitter*?” é possível classificá-lo como uma verdadeira ágora digital global: ambiente de aprendizagem, clube de entretenimento, “termômetro” social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas.

À pergunta “Para quê serve o *Twitter*?”, respondemos: este atua como um meio multidirecional de captação de informações personalizadas; um veículo de difusão contínua de ideias; um espaço colaborativo onde perguntas que surgem a partir de interesses dos mais microscópicos aos mais macroscópicos podem ser livremente debatidas e respondidas; uma zona livre – pelo menos até agora – da invasão de privacidade que domina a lógica do capitalismo corporativo neoliberal que invade tudo, até mesmo o ciberespaço.

Apesar de pertencer à categoria geral de mídia social móvel, o *Twitter* inova em alguns aspectos fundamentais que o diferenciam de outras plataformas sociais. Muito embora seja possível incluí-lo na mesma categoria de outras redes sociais como *Facebook* e *Orkut* (RECUERO, 2009); ou analisá-lo em relação ao encadeamento midiático com outros tipos de mídia (PRIMO, 2008); escolhemos aqui considerar seu potencial como catalisador de novos processos de inteligência coletiva.

Enquanto nas outras redes sociais como *Facebook*, *Orkut*, etc., o foco da interação social está nos contatos pessoais entre usuários, no *Twitter* a ênfase está na qualidade e no tipo de conteúdo veiculado por um usuário específico. O foco do *Facebook*, por exemplo, é disponibilizar informações e meios de interação direta para redes de relacionamentos que em sua grande maioria já existiam *offline* antes da entrada do usuário na plataforma. Novos contatos surgem através da rede, é claro, mas quase sempre em função de um contato pessoal, ou de um amigo em comum. Estas redes se caracterizam por uma atuação predominantemente focada em redes de relacionamentos pessoais familiares, de amizade e/ou profissionais.

Este não é o caso do *Twitter*, onde temos uma ecologia relacional completamente diversa das outras redes sociais. Aqui, nos deparamos com uma ecologia complexa de veiculação de ideias. A pergunta “O que você está fazendo agora?” se transformou em “No que você está pensando agora?”, fazendo com que cada *stream* se tornasse literalmente um fluxo de dimensões cognitivas, onde sinapses trafegam em tempo real, ativando tramas complexas de redes neurais digitais que integram impulsos maquímicos a consciências.

***Tweet*: micromídia pluridirecional e multiespacial**

A interpenetração entre as funcionalidades de *retweet* - RT, *reply* - @usuário e *hashtags* é inerente à arquitetura informacional do *Twitter* e em muitos casos estas podem acontecer simultaneamente (um RT em forma de *reply* mencionando diversos

@usuários e *hashtags*). Nesse caso, temos em um único *tweet* a penetração simultânea em múltiplos *streams* individuais e/ou coletivos em tempo real, caracterizando a interatividade pluridirecionada desta micromídia móvel.

Esta indexação permite que um mesmo *tweet* seja inserido em redes distintas ao mesmo tempo, muitas vezes atingindo comunidades e espaços físicos que o autor do *tweet* original nunca poderia ter acessado de outra forma. Estas funcionalidades permitem, assim, a multiplicação exponencial dos laços sociais em rede, atuando de forma similar a uma rede de conexões neurais.

Em pesquisa recente, as seguintes porcentagens foram constatadas no uso de RTs, *hashtags* e menções de @usuário:

36% of tweets mention a user in the form '@user'; 86% of tweets with @user begin with @user and are presumably a directed @reply 5% of tweets contain a hashtag (#) with 41% of these also containing a URL 22% of tweets include a URL ('http:') 3% of tweets are likely to be retweets in that they contain 'RT', 'retweet' and/or 'via' (88% include 'RT', 11% include 'via' and 5% include 're-tweet') (BOYD, GOLDR & LOTAN, 2009, p. 4)

Tais dados confirmam a importância destas funções dentro da arquitetura informacional do *Twitter*, e nos dão uma boa ideia do tipo de entrelaçamento relacional que começa a acontecer a partir do cruzamento de referências entre usuários e comunidades.

A Ecologia Sociocultural do *Twitter*

Embora o *Twitter* possa ser considerado uma única comunidade virtual, de acordo com Rheingold (2009) e Miemis (2009), é melhor entendido como sendo uma *ecologia de comunidades* integradas em um ecossistema flexível, no qual comunidades são formadas e dissolvidas à medida que o interesse por um tema específico aumenta ou diminui. Diversos tipos de comunidades podem existir simultaneamente, algumas mais permanentes que outras. Cada usuário possui duas comunidades permanentes que tendem a mudar lentamente com o tempo: sua comunidade de seguidores, e a comunidade daqueles a quem o usuário segue. Outras comunidades, porém, surgem e desaparecem a todo instante através do uso de *#hashtags*, que formam comunidades temporárias de usuários interessados no acompanhamento de um tema específico; e outras que são formadas a partir do monitoramento de *stream* relativo a um @usuário (search: @usuário).

Isto faz com que a ecologia cultural de hábitos interativos no *Twitter* seja extremamente diversificada, e esteja em constante adaptação. A arquitetura informacional do *Twitter* permite que comportamentos sociais possam emergir, se adaptar e até mesmo servir como

referência para a reengenharia da plataforma em si. Há aqui um sistema de *feedback loop*, no qual a arquitetura da plataforma origina determinados padrões de interação social, sendo que a evolução destes padrões de interação social pode dar origem, posteriormente, a modificações na arquitetura da plataforma. O design da plataforma *Twitter* tem sido, até agora, altamente participativo, devido às suas características principais: abertura, interação multicanal em tempo real, diversidade, reciprocidade e sociabilidade.

Design Colaborativo via *Twitter*: arte, inteligência coletiva e entrelaçamento social

Diversas comunidades estão ativamente desenhando novos formatos de interação via *Twitter* com dezenas de experimentações acontecendo simultaneamente. A quantidade de usos inusitados das *hashtags* tem sido tanta, que até mesmo um serviço de indexação de *hashtags* foi criado para veiculação em tempo real de informações e estatísticas sobre *hashtags* que estejam em ascensão². A grande maioria destas *hashtags* é direcionada a conteúdos que funcionam como apêndices das mídias de massa: lançamentos hollywoodianos, nomes de celebridades, palavras-chave de escândalos midiáticos, etc.

O uso do *Twitter* como um mero apêndice midiático para circulação de conteúdo de mídias de massa é responsável pela grande maioria do seu fluxo informacional, juntamente com seu uso recreacional, ou apenas como diário pessoal. São usos próprios a uma comunidade específica dentro da ecologia cultural do *Twitter*; comunidade esta que se caracteriza pelo interesse compartilhado pelo entretenimento popular de massa. É evidente que o perfil intelectual do usuário irá determinar o tipo e a qualidade das relações e interações sociais.

Comunidades acadêmicas, artísticas e/ou profissionais são por excelência os nichos onde surgem demonstrações de inteligência coletiva e design colaborativo dentro desta plataforma. As dinâmicas interativas dentro de comunidades específicas vão desenvolvendo estratégias múltiplas de entrelaçamento social a partir das mesclas entre as necessidades específicas a um determinado tipo de conteúdo e as diversas funcionalidades e aplicativos disponíveis. Para fins ilustrativos da potencialidade destas dinâmicas móveis de entrelaçamento social, escolhemos quatro exemplos de interação colaborativa:

#FF (Follow Friday), 2. #draw365, 3. #journchat e 4. #MonTwit.

² Este serviço é feito tanto dentro quanto fora do *Twitter*, através de aplicativos especializados como o *TweetScan*, ou internamente através do perfil @wthashtag, por exemplo.

1. #FF

O primeiro, #FF, é uma convenção social que já se tornou tradicional no *Twitter*, e que toda sexta feira dá origem ao *stream* #FF, onde os usuários postam *tweets* nos quais recomendam que outros usuários sejam seguidos, em uma forma de seleção espontânea das lideranças digitais específicas a cada comunidade:

@Julio_aQbm3X #FF @TwiDazzledGal @SheevaC @Alice_InTwiland@KStewsTwins @kristenlover19 @TeamTayandTayy @Kristeneel@TwisneyLover @JakeChrissi (21/12/2009)

2. #draw365

O segundo exemplo, o *stream* #draw365, é uma experimentação social na qual o *Twitter* é usado por uma comunidade de artistas para postar seus desenhos diariamente. Qualquer artista pode participar do #draw365 enviando um *tweet* que contenha um link para uma foto do seu desenho:

@RubiesAreBlue <http://twitpic.com/ukq1u> - Declan's drawing No. 6#draw365about 10 hours ago from TwitPic (21/12/2009)

São centenas de artistas participando de todas as partes do mundo, trocando ideias sobre seus trabalhos e formando laços sociais em tempo real. Também nesta comunidade existem determinados artistas que emergem como lideranças naturais, atraindo um maior número de seguidores pela qualidade de sua produção artística. No *stream* #draw365, o *Twitter* atua tanto como espaço de criação e interação, como também como uma galeria aberta de exposição artística.

3. #journalchat

O experimento #journalchat exemplifica ainda outra forma de interação social em rede. Neste experimento, o *stream* #journalchat atua como ponto de encontro virtual com hora marcada e temática específica, em uma versão hiperconectada de uma sala de chat tradicional:

@LauraGlu 250+ journalists will be chatting @ 5PM in a LiveFyre for #journalchat - <http://su.pr/2y0u4p> (via @KonaTBone)about 10 hours ago from web Retweeted by robinsloan and 1 other (22/12/2009)

Neste exemplo, a função do *stream* é gerar fontes múltiplas de conteúdo jornalístico que se reforçam mutuamente, assim como estabelecer um ambiente de networking profissional.

4. #MonTwit

O experimento #MonTwit foi uma iniciativa dos usuários Esteban Kolsky, @ekolsky, consultor; e @VenessaMiemis, pesquisadora sobre redes sociais e responsável pelo Projeto Ideas³, nódulo *online* de pesquisa colaborativa. O #MonTwit foi iniciado em dezembro de 2009, quando Venessa Miemis postou uma chamada para todos os usuários de sua comunidade de seguidores pedindo que, na segunda-feira do dia 21/12/2009, todos postassem uma entrada em seus blogs com textos sobre o tema “what I’ve discovered about Twitter”. Esteban Kolsky criou a *hashtag* #Montwit, alguns *tweets* de chamada foram postados, e o resultado foi uma experiência riquíssima em inteligência coletiva e design colaborativo de ideias.

Durante todo o dia 21/12, a *stream* do *hashtag* #MonTwit fervilhou de entradas para textos em blogs de pesquisadores, artistas, jornalistas e estudantes de vários países, que traziam suas ideias para esta metadiscussão sobre o *Twitter* dentro do *Twitter*. No dia seguinte, com o uso do aplicativo *WhatTheHashtag*⁴ foi possível acessar os dados e estatísticas referentes a este experimento: “...there were 86 contributors (people using the hashtag) 164 times. Twenty blog posts, and 14 opinions expressed via *Twitter*” (KOLSKY, 2009).

Houve o cruzamento de ideias entre os diversos autores, que ao lerem os textos uns dos outros sobre o mesmo tema deixavam comentários nas páginas, e também a divulgação feita pelos membros das suas comunidades sobre o experimento em si, como nos exemplos:

@seamuswalsh Need to learn about the value of #twitter? Read#MonTwit first.
1 ago from TweetDeck (22/12/2009)

@ekolsky If you are interested in #MonTwit - releasing a post later today with more details, asking for topics, how to go forward. Stay Tuned!about 10 hours ago from TweetDeck (23/12/2009)

Os resultados mais significativos do #MonTwit para o estudo da potencialidade do *Twitter* como plataforma coletiva inteligente de design colaborativo de ideias foram de detectar a existência de uma percepção compartilhada sobre a temática e de uma linha conceitual comum perpassando os diferentes textos (uma identidade coletiva conceitual?); e de fomentar o surgimento de novos laços sociais entre usuários interessados pela temática

³ Ideas Project disponível em: <http://ideasproject.com>

⁴ <http://wthashtag.com/Montwit>

(o *stream* #MonTwit atuou como uma vitrine de perfis pessoais que gerou a multiplicação do entrelaçamento social entre membros da comunidade = aumento de sua coesão interna – contatos indiretos passam a ser diretos / membros apresentam pessoas novas ao grupo).

A formação de comunidades potencialmente globais, no contexto das redes sociais móveis, enseja o surgimento de novos códigos globais de conduta social *online*; novas formas de expressão cultural específicas a cada comunidade; novos mecanismos internos de seleção de lideranças comunitárias digitais; e maior coesão interna ao redor de uma identidade coletiva que se estabelece ao redor de interesses compartilhados. A partir desta compreensão sobre o potencial dos experimentos de design colaborativo inteligente no *Twitter* é que iremos analisar o experimento *qotd*, criado pelo economista Umair Haque, que é ele próprio um exemplo de liderança intelectual dentro do *Twitter*.

qotd, por @umairh

O experimento *qotd* em inteligência coletiva através do *Twitter* foi articulado por Umair Haque aliando as duas conotações digitais desta sigla: um sistema de indexação e distribuição de citações pessoais interessantes através do uso do RT; e um mecanismo eficiente para o levantamento de informações sobre e para sua comunidade de seguidores e para o estabelecimento de fios topicais em *streams* específicos. Fios topicais (McCLEARY, 1996) são linhas de conversação em redes sociais que interligam um mesmo tópico de discussão, evoluindo a partir desta interação.

Muito embora o próprio autor do experimento tenha restrições ao uso da palavra “líder” - como diz em seu *Builder’s Manifesto*: “The very word “leader” feels like a relic of 20th century thinking” (HAQUE, 2009a); não há como negar que sua voz é ressonante no meio digital, e a quantidade dos seus seguidores no *Twitter* aumenta a cada dia. Nos últimos meses de 2009, houve um aumento substancial no número de seus seguidores, que eram aproximadamente 4.000 em outubro e em 22 de dezembro de 2009 passaram para 5.442. Estes, por sua vez, são em sua maioria formadores de opinião ocupando altas posições em empresas inovadoras, autores, pesquisadores, estudantes e profissionais dos mais variados países.

Assim, em relação aos seguidores, a quantidade não é o dado mais significativo, mas sim a qualidade e a diversidade de perfis intelectuais articulados ao seu redor. E Haque vem exercendo, sem sombra de dúvida, forte liderança intelectual de alcance global via *Twitter*, engajando consistentemente uma comunidade internacional de formadores de opinião que está se tornando cada vez mais coesa e integrada através de iniciativas como o *qotd*.

Não é o objetivo deste artigo apresentar um estudo aprofundado sobre os conteúdos de discussão e temática específicos ao *qotd*, mas sim fornecer um relato da sua estrutura comunicacional e de seu desenvolvimento midiático como experimento de interação e design colaborativo de ideias via *Twitter*. A evolução do design do *qotd* enquanto experiência

social de inteligência coletiva também tem sido um produto da colaboração multidirecionada entre Haque, sua comunidade de seguidores, e entre os próprios seguidores.

O *qotd* começa quando, antes de finalizar a redação de seu próximo texto, ele envia um *tweet* para seus milhares de seguidores fazendo uma chamada para ideias, sugestões e contribuições, ou então fazendo uma pergunta que deve ser respondida em poucas palavras. Em tempo real, dezenas de respostas começam a surgir no *stream* correspondente a @umairh; gerando dezenas de discussões paralelas entre os participantes do *qotd*. As melhores respostas são selecionadas e retweetadas pelo próprio Haque em tempo real, gerando uma linha de pensamento sobre a questão apontada que contempla a diversidade das perspectivas e opiniões dos participantes, invariavelmente dando origem a diversos *insights* criativos que influenciam no conteúdo do texto final a ser postado em sua coluna.

Este experimento surgiu como uma evolução do hábito de Haque de, logo após postar um novo texto em seu blog da Harvard Business Review, simultaneamente postar um *tweet* a todos os seus seguidores avisando que estava *online*, atento ao movimento de seu *stream* de respostas, e aberto a perguntas e reações sobre o texto, como nos exemplos:

@umairh *qotd*: what do builders need to build/rebuild most? what are the biggest opportunities for builders? (thx to @openworld) (26/12/2009)

@umairh happy to take questions this morning - hit me if you have (17/12/2009)

@umairh hey folks, if you have a sec, let us know your answer to the poll of the day. would you buy facebook shares if there was an ipo tomorrow? (17/12/2009)

As respostas, dadas em tempo real, são abertas, gerando um debate que ultrapassa a comunicação bidirecional entre Haque e cada participante, em um fluxo de comunicação pluridirecional no qual os seus seguidores começavam a discutir a questão paralelamente entre si. A quantidade de respostas interessantes era tamanha, que o economista começou a usar a funcionalidade de RT para divulgar as melhores respostas e/ou ideias.

O uso do RT foi fundamental para determinar os rumos do *qotd*, que se tornou praticamente uma seleção *online* em tempo real das melhores respostas, dando origem a uma nova espécie pluridirecional de articulação de inteligência coletiva em redes de *streams*, em tempo real.

Implicações Práticas e Teóricas do *qotd*

O *qotd*, enquanto instância representativa de um novo tipo de inteligência coletiva em rede, na qual o entrelaçamento social dá origem a outros entrelaçamentos: globais, conceituais, culturais e políticos; aponta para as seguintes tendências:

1. A evolução de comunidades sociais e colaborativas a partir do debate intelectual pluridirecional em plataformas de mídia móvel;

2. O surgimento de uma pauta temática de interesse global ao redor da qual tais comunidades se articulam – ex.: aquecimento global, colapso do sistema financeiro mundial, novos modelos organizacionais, etc;

3. A constatação comum do descaso da mídia de massa em relação a determinados aspectos desta pauta temática, o que torna a obtenção de informações através das redes sociais ainda mais importante;

4. A seleção espontânea de lideranças intelectuais através da própria interação social em rede;

5. O design colaborativo de estratégias coletivas de interação social em rede com vistas à produção de um resultado específico.

As implicações práticas do uso cultural e político das novas funcionalidades características às mídias móveis se dão através do design colaborativo do que Santaella chama de “modalidades diferenciais”:

A mediação tecnológica do ciberespaço condiciona a emergência de novas práticas culturais. Não é por meio da criação de uma esfera separada que isso se dá, mas pela abertura de modalidades diferenciais de práticas que se inserem à sua maneira na vida cotidiana, refletindo e condicionando novas formas de acesso à informação e ao conhecimento. Os espaços eletrônicos estão firmemente situados na experiência vivida, motivados por ela e tomam forma em resposta às suas demandas (SANTAELLA, 2008, p. 96).

O *qotd*, enquanto experimento, é uma destas “modalidades diferenciais de práticas” que se formam em reação e consequência às pressões contemporâneas vividas pelos indivíduos de nossa época. Vivemos a transição de uma experiência bidirecional das mídias digitais para uma experiência pluridirecional onde a conversação se torna o elemento principal na arquitetura informacional das mídias sociais. É uma evolução significativa, que reposiciona a localização individual de cada um na hierarquia digital de suas relações sociais. Outro nível de distância é eliminado neste percurso: não apenas a distância geográfica desaparece, mas também a distância social que estabelece os graus de separação entre diferentes níveis de status social.

No *qotd*, a ideia vinda de Haque aparece lado a lado e em pé de igualdade com as ideias de estudantes, estagiários, designers, autodidatas e ilustres desconhecidos. É apenas a qualidade e o valor da ideia em si que determina ou não sua adoção pela comunidade, e é também a partir da divulgação e produção continuada de ideias de qualidade que um usuário se torna conhecido e respeitado dentro da comunidade.

O fato de que os participantes do *qotd* atuam a partir de localidades com fusos horários tão diferentes quanto Austrália, Canadá, Brasil e Londres, por exemplo, aponta para um “tempo social compartilhado” que não pertence à mesma dimensão do tempo culturalmente e localmente associado a cada tipo de relação social. A mobilidade do acesso ao *Twitter* faz com que a conversação atravesse as fronteiras espaço-temporais e sua carga de significações específicas a cada cultura.

O *Twitter* tem sido usado como um vórtice intercultural, onde expressões verdadeiramente transculturais começam a surgir como manifestações espontâneas das interações sociais dentro do contexto das mídias móveis. A complexidade das linhas de conversação espalhadas territorialmente em múltiplos fusos horários pertence a uma dimensão na qual “o tempo das interações na rede se altera (...) com o quadro de conexões *always on*, onde a conexão acontece de maneira contínua e persistente” (PELLANDA, 2007, p. 8).

Conclusões

Primeiramente, descobrimos que a utilização bem-sucedida do *Twitter* exige não apenas a fluência em relação aos seus códigos de uso, mas principalmente o desenvolvimento de uma estratégia consciente de quais são os objetivos e resultados que se pretende atingir através da entrada na rede. Foi apenas por haver efetuado uma análise e escolha prévia do idioma a ser utilizado, do conteúdo a ser disponibilizado, e do campo de laços e relações a serem estabelecidos, que nossa experiência etnográfica tornou possível a visualização dos processos comunicacionais que são apresentados neste artigo.

Outra importante constatação desta pesquisa foi de identificar a interdependência entre os upgrades na estrutura de suporte tecnológico e as novas estratégias de sociabilidade em rede. A existência prévia de determinadas atribuições e funcionalidades tecnológicas e seu upgrade continuado são constantemente reestruturados pelo design de interface que responde diretamente à experiência dos usuários, assim como a experiência do usuário evolui em compasso com as novas funcionalidades e aplicativos.

Neste contexto, fica difícil determinar com precisão onde começa e termina a inteligência humana (dos usuários e desenvolvedores) e onde começa e termina a artificial (em suas miríades de aplicativos móveis, intrincados e sensíveis). Temos na experimentação de design colaborativo de ideias em redes sociais móveis um objeto complexo de estudo, dentro do qual a inteligência coletiva é um misto de criatividade e comunicação humanas e de adaptação, processamento e análise computacional simultâneos.

Nas redes sociais móveis, inteligências humanas e artificiais atuam em uníssono em um grande corpo híbrido de micro mensagens, que permeiam tempos e espaços, culturas e códigos, esferas e redes. Bruno Latour (2009) aponta para a tensão latente

entre natureza e sociedade, onde a experiência dos espaços se transforma de uma “ida” ao externo das esferas em uma “vinda” para o interno das redes. Esta tensão entre redes (sociais e tecnológicas) e esferas (naturais) expressa claramente o dilema fundamental da nossa época: a inteligência coletiva das redes é ciborgue, mas ao mesmo tempo em que abraça o hibridismo midiático e a pulsão maquínica, busca resgatar valores humanos e ir ao encontro da natureza.

É a busca por este ideário comum e por um senso de cidadania global compartilhada que faz com que estas redes intelectuais se articulem no *Twitter* e fora dele. É possível perceber, a partir da evolução dos fios topicais e das linhas de conversação entre usuários de dezenas de países, que uma rede social global começa a produzir, colaborativamente, propostas sociais baseadas em valores compartilhados. A dimensão política destas redes sociais globais é inegável:

A constituição dessa esfera pública mundial conversacional tem implicações políticas profundas (...) uma reconfiguração social, cultural e política do sistema infocomunicacional global (...). Se houver alguma possibilidade de ampliação da esfera pública, ela se dará na produção aberta e coletiva dos sentidos, na esfera da conversação planetária (LEMOS, 2009, p.18-19).

O experimento *qotd*, de Haque, demonstra claramente o potencial ciberpolítico das redes sociais móveis, especificamente do *Twitter*.

Referências

- BLOOM, Howard. (2004). *Global Brain: The Evolution of Mass Mind from the Big Bang to the 21st Century*. New York: John Wiley and Sons.
- BOYD, D.; GOLDBERGER, S.; LOTAN, G. (2010). Tweet, Tweet, Retweet: Conversational Aspects of Retweeting on Twitter. *IEEE Proceedings of HICSS-43*. January, (draft available at 12/2009) pp. 1-11.
- ENGELBART, Douglas. (2008). *Boosting our Collective IQ*. D. Engelbart Institute. Disponível em: <http://www.dougenelbart.org/.../boosting-collective-iq.html>. Acessado em: 15/01/2010.
- HOFSTADER, Douglas R. (1979). *Goedel, Escher, Bach: An Eternal Golden Braid*. New York: Vintage Books.
- GOLDBERGER, S. A.; WILKINSON, D.; HUBERMAN, B. A. (2007). Rhythms of Social Interaction: Messaging within a Massive Online Network. *3rd International Conference on Communities and Technologies*, Michigan State University.

GUIMARÃES, Mário José L. (1997). *A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade*. GT "Nuevos mapas culturales: Cyber espacio y tecnologia de la virtualidad", na II Reunión de Antropologia del Mercosur, Piriápolis, Uruguai, de 11 a 14 de nov.

HUBERMAN, D.; ROMERO, D. M.; WU, F. (2009). Social Networks that Matter: Twitter under the microscope. *First Monday*, Vol. 14, n. 1, 5 de jan.

KOLSKY, Esteban. (2009). *What I've Learned from Your Twitter Discoveries*. CRM intelligence & strategy. Disponível em: <http://www.estebankolsky.com> Acessado em: 22 de dezembro de 2009.

LATOURE, Bruno. (2009). *Spheres and Networks. Two ways to reinterpret globalization*. Harvard University Graduate School of Design. 17 de fev. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/articles/article/115-SPACE-HARVARD-09.pdf>. Acessado em: 26 de dezembro de 2009.

LEMOS, André. Nova esfera Conversacional. In: KUNSCH, Dimas A.; DA SILVEIRA, S.A., et AL. (2009) *Esfera pública, redes e jornalismo*. E-Papers: Rio de Janeiro, pp. 9 – 30.

LÉVY, Pierre. (2000). *A Inteligência Coletiva - Por uma Antropologia do Ciberespaço*. São Paulo: Loyola..

MCCLEARY, Leland E. (1996). *Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador*. Tese de Doutorado em Lingüística, São Paulo, USP.

MIEMIS, Venessa. (2009). How to Use Twitter to Build Intelligence. *Emergent by Design*. Disponível em: <http://emergentbydesign.com/2009/12/21/how-to-use-twitter-to-build-intelligence/> Acessado em: 19/12/2009.

PELLANDA, Eduardo. (2007). Mobilidade e personalização como agentes centrais no acesso individual das mídias digitais. *E-compós*. pp. 1-14.

POSTEL, J. (1983). *Quote of the Day Protocol*. Network Working Group. Disponível em: <http://tools.ietf.org/html/rfc865>. Acessado em: 26/12/2009.

RHEINGOLD, Howard. (2002). *SmartMobs: The Next Social Revolution*. New York: Perseus.

_____. (2009a). Mindful Infotention: Dashboards, Radars, Filters. *City Brights*. 1 de set. Disponível em: <http://www.sfgate.com/cgi-bin/blogs/rheingold/index?blogid=108>. Acessado em: 14 de janeiro de 2010.

_____. (2009b). Twitter Literacy. *City Brights*. 11 de maio. Disponível em: http://www.sfgate.com/cgi-bin/blogs/rheingold/detail?blogid=108&entry_id=39948. Acessado em: 15/01/2010.

_____. (2010). Attention is the Fundamental Literacy. *Edge*. Disponível em: http://www.edge.org/q2010/q10_2.html. Acessado em 14/01/2010.

RECUERO, Raquel. (2009). *As Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina.

RIFIOTIS, Theophilos. (2002). Antropologia do Ciberespaço: questões teórico metodológicas sobre a pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. *Antropologia em Primeira Mão*, n. 51. Florianópolis: PPGAS/UFSC.

SANTAELLA, Lucia. (2008). Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas. *Revista FAMECOS*. Vol 1, n. 35, abril, pp. 95-101.

RENATA LEMOS é doutoranda do PPG em Comunicação e Semiótica da PUC SP e visiting scholar na EGS, Suíça. É membro do coletivo de pesquisa internacional Space Collective. É surfista midiática profissional e já viveu e trabalhou nos EUA, França, Canadá e Israel.

Site: <http://renatalemos.org>

Email: me@renatalemos.org

Twitter em português: @renatalemosbr

Twitter em inglês: @renatalemos

Texto recebido em janeiro
e aprovado em maio de 2010.